

A MENTIRA COMO BASE ESTRUTURAL DO TOTALITARISMO SEGUNDO ARENDT

THE LIE AS THE STRUCTURAL BASIS OF TOTALIRIANISM ACCORDING TO ARENDT

Leonardo Aires Araújo¹

<https://orcid.org/0009-0005-2720-2432>

Odílio Alves Aguiar²

<https://orcid.org/0000-0002-7767-1932>

Resumo: O texto aborda de forma breve o tema da mentira na obra de Hannah Arendt. Em um primeiro momento apresentaremos como a mentira se mostra como uma ferramenta clássica no jogo da política; em seguida analisaremos como o totalitarismo criou uma forma moderna de mentira, a mentira organizada, presente nas ideologias e na propaganda de massa, para que esta fosse não um meio político para governos gerirem suas crises, mas, sim, uma ferramenta que execute a garantia da existência dos seus regimes constituídos. Por fim, em minhas considerações finais faço uma reflexão sobre os perigos da mentira organizada e como suas estratégias nefastas, a propaganda e a doutrinação por ideologias, ressoam, de forma agressiva, na atualidade, principalmente através das redes sociais, conseguindo influenciar de maneira contundente a sociedade contemporânea, pois, mesmo que os regimes totalitários há muito tempo decaíram, suas idéias vem criando força, influenciando pessoas, grupos sociais, políticos e até governos.

Palavras-chave: mentira; totalitarismo; Hannah Arendt

Abstract: The text briefly addresses the issue of lying in the work of Hannah Arendt. At first we present how the lie is shown as a classic tool in the game of politics; then we will analyze how totalitarianism created a modern form of lying, the organized lie, present in ideologies and mass propaganda, so that it was not a political means for governments to manage their crises, but a tool that guarantees existence of their established regimes. Finally, in my final considerations, I reflect on the dangers of organized lying and how its nefarious strategies, propaganda and indoctrination by ideologies, resonate aggressively today, mainly through social network, managing to have a strong influence contemporary society, because, even though totalitarian regimes have long decayed, their ideas have been creating strength, influencing people, social groups, politicians and even governments.

Keywords: lie; totalitarianism; Hannah Arendt

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail lattes: leuairesaraujo@yahoo.com.br

² Prof. Dr. Da Pós-graduação [Mestrado e Doutorado] em filosofia – UFC e do Mestrado acadêmico da UECE. odilio@uol.com.br

Introdução

Em sua obra mais célebre, *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt trouxe uma profunda análise de um novo tipo de governo, o totalitário - que fruto das transformações do século XX - revolucionou de maneira implacável a maneira de como se faz política em nosso meio e trouxe as primeiras sementes que desenvolveriam, posteriormente, as idéias de uma das pensadoras-filósofas mais influentes da contemporaneidade.

O objetivo deste texto é analisar brevemente um dos aspectos mais relevantes do totalitarismo, segundo a ótica arendtiana: o uso da mentira como estrutura basilar na sustentação de seu regime e a apresentação de algumas das estratégias que contribuem para a sua manutenção. Para tanto, inicialmente, apresentaremos o uso clássico da mentira na política e em seguida trataremos, a partir de obras de Arendt e de comentadores relevantes a este artigo, de analisar como o totalitarismo conseguiu subjugar tal uso para que esta fosse não um meio político para governos gerirem suas crises, mas sim uma ferramenta que execute a garantia da existência do regime.

Por fim, em minhas considerações finais faço uma reflexão sobre os perigos da mentira organizada e suas estratégias nefastas como a propaganda e a doutrinação por ideologias para a sociedade contemporânea, pois mesmo que os regimes totalitários há muito tempo decaíram, suas idéias vem criando força, influenciando pessoas, grupos sociais, políticos e até governos.

A mentira como parte do jogo político

A mentira apresenta-se em uma clássica ferramenta política, a qual é utilizada para ocultar segredos e dados sobre os quais não se deseja publicitar. Arendt não esconde a constatação que sigilo e embuste são usados como meios legítimos para alcançar fins políticos desde os primórdios da história documentada; conforme suas observações, sigilo é o que a diplomacia declara como “discrição” ou *arcana imperii* – os mistérios do governo, sendo o embuste a mentira descarada e a falsidade deliberada. Para a autora a veracidade nunca fora colocada entre as virtudes políticas, e as mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos (ARENDR, 2015 p.14). É como observa Lafer (1995, p.2-3):

A veracidade, ao contrário, (...), nunca foi considerada virtude política, pois as mentiras, neste campo, têm sido tradicionalmente consideradas justificáveis, dependendo das circunstâncias.(...)No caso, o dever da veracidade exigida dos governados, em contraste com o direito do governante de mentir em determinadas circunstâncias, desde que em benefício da comunidade — um benefício a ser obtido pela aplicação do

medicamento da mentira, que só o governante, com base no seu conhecimento, pode avaliar.

Ou seja, desde as origens da história, a mentira pode vir a ser um instrumento “justificável”: por exemplo, se algo que requer segredo está envolto em algo que necessita ser encoberto, pode-se concluir que tudo aquilo que se torna segredo é originário em um fato que, ao tornar-se público, poderá causar alguma contrariedade, ou expor alguém ao perigo, sujeitando-o à alguma ameaça. Deste modo, quando se torna exigível que um determinado tema se mantenha acobertado, pressupõe-se que o tal seja aviltante, ou que promova alguma comoção, desestabilizando a harmonia reinante. Assim, por este estar em segredo, o domínio do assunto seria restrito a um determinado grupo de pessoas, que seriam aquelas capazes de, na impossibilidade de resolvê-lo, contorná-lo e promover a salvaguarda dos demais envolvidos.

Contudo, faz-se necessário compreender o que é, de fato, a mentira na política. Para se entender melhor como esta se apresenta, observemos o que Lafer (1995, p.4) tem a dizer:

Vou começar com a *etimologia* para chegar à *epistemologia* e depois à *ética*. *Mentira, mentir*, vem do latim *mentice*, que quer dizer “mentir”, “imaginar”, “inventar”, de *mens, mentis*. *Mens, mentis*, é termo geral da raiz *men* — pensar — e que designa, por oposição a *corpus*, “o princípio pensante, a atividade de pensar”.

Ou seja, partindo então do que LAFER (1995) nos expõe, a mentira remete à imaginação. Essa perspectiva compreende o potencial da mentira na política a partir de sua explicação na origem da palavra. Deste modo, essa característica vinculada à possibilidade de desconsiderar a factualidade deve ser destacada, o que, em outras palavras, quer dizer que a capacidade de mudar fatos e negar fatos através da imaginação estariam inter-relacionadas, o que Arendt (2015, p.15) nos evidencia:

Tal mudança seria impossível se não pudéssemos nos remover mentalmente de onde estamos fisicamente colocados e imaginar que as coisas poderiam ser diferentes do que realmente são. Em outras palavras, a negação deliberada dos fatos - isto é, a capacidade de mentir – e a faculdade de mudar os fatos - a capacidade de agir – estão interligadas; devem suas existências à mesma fonte: imaginação.

Uma das características da ação humana é a de sempre iniciar algo novo (ARENDRT, 2015, p.15), ou seja, a autora expõe que algo que já estava assentado deve ser removido ou destruído, para dar lugar à ação, para que as coisas possam vir a ser transformadas e

renovadas. Se não houvesse ao indivíduo a liberdade de negar ou afirmar sua existência não haveria ação e então é válido atestar no pensamento arendtiano essa vinculação entre as capacidades para agir e para mentir, de modo que os desdobramentos dessa relação se vinculam à própria substância de que é feita a política - a já citada ação. A autora referenda ainda a importância de atentarmos que a mentira não se insinua na política por algum acidente da pecaminosidade humana. Segundo ela:

A afronta moral, por esta única razão, não consegue fazê-la desaparecer. A falsidade deliberada trata com fatos contingentes; ou seja, com coisas que não trazem em si nenhuma verdade inerente, nenhuma necessidade de ser como são. A veracidade dos fatos nunca é forçosamente verdadeira. (ARENDR, 2015, p.16)

Deste modo, a mentira não entra em conflito com a razão, pois as coisas poderiam perfeitamente ser como o mentiroso diz que são. Mentiras são frequentemente muito mais plausíveis, mais clamantes à razão do que a realidade, uma vez que o mentiroso tem a grande vantagem de saber de antemão o que a plateia deseja ou espera ouvir (ARENDR, 2015, p.16). Por esta razão, sua história é preparada com um cuidado demasiado, orientada para o consumo público, a fim de garantir a legitimidade em suas falsidades deliberadas; ao mentiroso, é infinito o número de peças para montar a sua narrativa, dada a vantagem da previsibilidade que este possui em relação ao caráter imprevisível dos fatos. Isso acarreta a desconstrução da resistência da realidade e permite que um tipo de mentira se apresente como uma alternativa à esta: a mentira organizada do totalitarismo.

A mentira organizada como estrutura base do totalitarismo

Como observamos anteriormente, a mentira pode ser considerada como um instrumento relativamente inofensivo no arsenal da ação política (ARENDR, 2016), conquanto seja usada para dar sustentação à comunidade política, especialmente nas relações internacionais: dada à sua natureza provinda da imaginação e de sua superior coerência frente a verdade dos fatos, é comum governos utilizarem a mentira enquanto ato de segredo, no qual esta funciona para salvaguardar o momento ideal da verdade ser revelada, sempre com o objetivo de evitar situações que tragam meios violentos como a guerra ou a insurreição civil. Todavia é preciso salientar: quando há o uso sistemático da mentira, especialmente no âmbito interno, mas externo também, que não objetiva a proteção da comunidade, mas que primazia o fortalecimento dos poderosos, a mentira ultrapassa o uso político legítimo e passa a ser o

sustentáculo das pretensões ideológicas de governantes de aspirações totalitárias, proporcionando as condições para que tais regimes sejam criados e consolidados.

A mentira organizada pelo totalitarismo se coloca como um instrumento de destruição, pois esta não tem como objetivo apenas falsificar um fato ou evento, ou enganar um inimigo, ela tende sempre a destruir aquilo que ela decidiu negar (ARENDDT, 2016, p. 239). Por se tratar de um tipo de mentira específica, as limitações que antes eram impostas nas formas tradicionais de mentira foram abolidas. Se antes a mentira na política era vista como parte do arsenal do político - sua falsificação geralmente era dirigida a um determinado aspecto do fato ou do evento, ou seja, não tinha a intenção de modificar todo o contexto histórico envolvido - a mentira organizada, por sua vez, assume-se pela negação da realidade e da história e permite sua substituição por uma realidade alternativa através de uma narrativa de imensa coerência, pois ela

arruma os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico, que se inicia a partir de uma premissa aceita axiomáticamente, tudo mais sendo deduzido dela; isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade. (ARENDDT, 1998, p.539)

Deste modo, o totalitarismo expôs que indivíduos deslocados do mundo comum e da realidade plural não são persuadidos com fatos ou dados da experiência, mas sim com a coerência coercitiva de um sistema racional suficientemente abrangente e generalizante, desenvolvido a partir da mentira, do qual toda tentativa de dúvida trazida pela verdade factual será banida. Como afirma AGUIAR (2007) a confiança, elemento fundamental na estruturação civilizada da comunidade, é substituída pela coerência da ficção. A mentira, como analisamos antes, é mais previsível, mais apazível e mais conveniente do que os despores da verdade em nos ater em uma realidade que, por muitas vezes, não nos convém. A face cruel dos regimes totalitários traz à tona o pior do ser humano, pois No caso do totalitarismo não se trata de uma mentira pontual, acerca de uma ou outra situação, ela não é mero artifício circunstancial, ao contrário, é uma mentira em massa. Mente-se por princípio. (PEREIRA, 2017, p.64)

Para tanto, o totalitarismo, afim de formatar regimes de governos bem-sucedidos, utiliza-se muito bem da propaganda como ferramenta política, para propagar mentiras - quantas sejam necessárias e interessantes à coerência ficcional que interessa ao governo - ao ponto desta poder agradar às massas. Tal fenômeno está assentado no conceito de que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas por um sistema imune à experiência, à persuasão e à reflexão. É como observa Arendt:

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. O que as massas se recusam a compreender é a fortuitude de que a realidade é feita. Predispõem-se a todas as ideologias porque estas explicam os fatos como simples exemplos de leis e ignoram as coincidências, inventando uma onipotência que a tudo atinge e que supostamente está na origem de todo acaso. A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência. (ARENDR, 1998, p. 401)

Deste modo, os movimentos totalitários entenderam a potencialidade da mentira e se apropriaram desta. É percebido então o perigo que aflige aos homens que são engolidos pelo totalitarismo: são incapazes de compreender a diferença entre fato e ficção, pois a eles não há a opção de distinguir o que é real ou irreal: não foram persuadidos e sim doutrinados, através da ideologia.

Ao tratarmos de ideologia, nos movimentos totalitários, Arendt (1998) parte do princípio que ela se constrói no pressuposto de que uma única idéia é suficiente para explicar tudo no tocante ao desenvolvimento da premissa e que o seu elemento dogmático é capaz de gerir uma lógica coerente e autossuficiente. Isto é, segundo Arendt, existe uma “tirania da lógica”, no qual a ideologia do regime totalitário alimenta-se de axiomas provindos da mentira e reforçados, como vimos anteriormente, de maneira insistente e regular, pela propaganda, que age com o intuito de doutrinar os indivíduos. Sendo assim, a massa acredita na plena coerência do regime, isto é, acredita que tudo é permitido, que o impossível é possível e que até mesmo o implausível poderá ser verdadeiro. Isso é o que conduz ao risco de apagamento da linha demarcatória entre ficção e realidade, como corrobora Pereira (2021, p.63):

ao potencializar a maneira como as ideologias podem gerar essa desconexão com a realidade, Arendt é bastante enfática em mostrar que o expediente tido por político no totalitarismo passa pela realização da máxima de que *tudo é possível*, e, justamente, uma das maneiras de operar essa ilimitação é eliminar a barreira da realidade. E é nisso que se vê espaço amplo de uso do expediente procedimental da ideologia, como instrumento potencializador desse processo de atentado contra a realidade, principalmente quando associado ao uso da mentira organizada, ou, para dizer de maneira mais clara, como artifício de substituição e manejo da narrativa sobre a realidade.

Deste modo, na perspectiva observada por Arendt, a combinação da propaganda e da ideologia contribuem à criação de indivíduos atomizados, no qual são incapazes de refletir sobre os seus atos, que no processo de massificação, ao serem engolidos pela conveniência da coerência ficcional provinda da mentira organizada construída pelo estado totalitário, acreditam serem partes de um todo, importantes instrumentos para a manutenção da grande nação, toda esta abraçada em um ideal “maior”. Para este indivíduo o que persiste em sua consciência é a sua lealdade à idéia, à ideologia do regime, não importando quais seriam as consequências, como, por exemplo, o que Arendt testemunhou durante o julgamento de *Eichmann*³:

Um “idealista”, segundo as noções de *Eichmann*, não era simplesmente um homem que acreditava numa “idéia” ou alguém que não roubava nem aceitava subornos, embora essas qualificações fossem indispensáveis. Um “idealista” era um homem que *vivia* para a sua idéia — portanto não podia ser um homem de negócios — e que por essa idéia estaria disposto a sacrificar tudo e, principalmente, todos. Quando ele disse no interrogatório da polícia que teria mandado seu próprio pai para a morte se isso tivesse sido exigido, não queria simplesmente frisar até que ponto se achava cumprindo ordens e pronto para executá-las; queria também mostrar o “idealista” que sempre fora. O “idealista” perfeito, como todo mundo, tinha evidentemente seus sentimentos e emoções pessoais, mas jamais permitia que interferissem em suas ações se entrassem em conflito com sua “idéia”. (ARENDR,1999, p.31-32)

Ao percebemos isto, entendemos a força da mentira que é exercida no totalitarismo. Durante toda análise observarmos que o indivíduo construído neste regime é aquele sem personalidade, incapaz de refletir sobre suas ações, aquele que se torna uma ferramenta para o regime, dada sua incapacidade de saber o que é real ou mentira. Pois é como Arendt atesta:

o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento) (Arendt,1998, p.542).

Por essa razão o totalitarismo possui essa peculiaridade: os indivíduos não são monstros, mas cometem monstrosidades; são pessoas comuns, com vidas mundanas, sem

³ Otto Adolf Eichmann foi o burocrata nazista responsável por mandar os judeus e outras minorias aos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Sua captura e seu posterior julgamento levou Hannah Arendt ir à Israel para uma série de reportagens para revista New Yorker, que, mais tarde, seria transformado em um dos seus livros de maior repercussão: *Eichmann em Jerusalém*, um relato sobre a banalidade do mal.

nenhum verniz de periculosidade, mas capazes de fazerem as maiores atrocidades, pois a estas pessoas foram negadas, por viverem em uma grande mentira, o direito de questionar se o que estavam fazendo era certo ou errado. *Eichmann*, neste ponto, ilustra bem essa questão, como descreve Arendt:

O problema com *Eichmann* era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem perversos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que — como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados — esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado. (ARENDR,1999, p.186)

Sendo assim, compreendemos que a organização totalitária sobrevive a partir da mentira, uma mentira calculada; no momento em que a disseminação organizada da mentira provém uma atmosfera de uma realidade operante e estabelecendo uma sociedade cujos membros ajam e reajam segundo as regras de um mundo fictício que se corresponde aos anseios das massas desarraigadas, é a sociedade construída pelo totalitarismo.

Considerações Finais

Arendt viu claramente as implicações políticas da mentira moderna. É em resposta ao crescimento de uma sociedade de massa, que não encontra sentido na pluralidade da vida pública e que se baseia fundamentalmente no consumismo desenfreado e ao caminho mais fácil da “tirania da lógica” que surge a possibilidade política do totalitarismo. O totalitarismo é uma resposta às necessidades de uma população que não deseja pertencer a um mundo significativo, diverso, baseado na pluralidade do debate público, mas que anseia por um mundo que o proverá das necessidades que lhe convém. Como observamos anteriormente, o totalitarismo oferece, a partir da mentira, a esse público uma ficção coerente que promete tornar vidas insignificantes em vidas significativas. Ainda que os regimes totalitários como forma de governo estabelecidos há muito tempo entraram em decadência e pereceram, suas idéias consolidaram-se e se apresentam como marca indelével na política contemporânea, aparecendo, eventualmente, com maior ou menor influência, em grupos sociais, partidos políticos ou governos estabelecidos. É como observa Arendt quando afirma que

permanece o fato de que a crise do nosso tempo e a sua principal experiência deram origem a uma forma inteiramente nova de governo que, como potencialidade 'e como risco sempre presente, tende infelizmente a ficar

conosco de agora em diante, como ficaram, a despeito de derrotas passageiras, outras formas de governo surgidas em diferentes momentos históricos e baseadas em experiências fundamentais - monarquias, repúblicas, tiranias, ditaduras e despotismos. (ARENDR,1998, p.531)

Acerca do perigo dos movimentos totalitários progredirem para um regime totalitário, devemos levar em consideração na confluência entre suas características e no momento histórico que propicia as condições necessárias para a sua construção. Um exemplo disso é que o acontece em tempos atuais. Vemos que a sociedade integrou em seu cotidiano as facilidades provindas da internet. Através de um celular na mão ou com um computador à disposição, o indivíduo pode fazer o que quiser, pois o mundo, como universo de interação, é seu: trabalhar remotamente; fazer transações comerciais ou bancárias; comunicar-se com qualquer pessoa do mundo, em tempo real; e, principalmente, ter acesso à um montante infinito de informações a seu dispor, coisa que nenhuma enciclopédia ou biblioteca específica poderia lhe proporcionar. Apesar disso, contudo, observa-se um fenômeno dessa interação dos indivíduos relacionado às tecnologias que vem chamando atenção da comunidade científica nos últimos tempos e que ganhou ainda mais força com a pandemia de *COVID-19*. Desde a ascensão das redes sociais, como instrumentos primeiros de interação social, como o *WhatsApp*, *Telegram* e *TikTok*, vem ocorrendo tanto o aumento de acesso às informações equivocadas com status de verdade (as denominadas *fake news*), como o seu rápido compartilhamento a um número infindável de pessoas proporcionando um campo propício à manipulação política das massas. De fato, para exemplificar, as *fake news* tiveram grande relevância para a abertura e manutenção de governos de políticos autoritários, como por exemplo os de Donald Trump e Jair Bolsonaro; seus governos, por assim dizer, fomentam (ou fomentaram, como no caso de Trump) um crescente discurso de ódio provindo de ideias da extrema-direita, que utilizam, por sua vez, das facilidades e da imediatidades das plataformas digitais para disseminar informações falsas, notícias distorcidas ou verdades fraudulentas, com o objetivo de excluir grupos oprimidos, como negros, judeus, LGBTQIA+, ou aniquilar politicamente grupos de oposição. Com efeito, durante o surgimento da pandemia da *COVID-19*, a utilização das *fake news* como ferramenta política já estava praticamente consolidada e as mentiras não partiram apenas de governos instituídos, mas também de grupos de pessoas nas redes sociais. Por exemplo, acerca da problemática da pandemia da Covid-19, muitos indivíduos, não só os políticos, ajudaram a espalhar o caos com notícias falsas que iam contra os fatos coletados pela comunidade científica mundial. Apesar disso,

quando estes foram confrontados com os fatos, esses resguardados com registros de especialistas, sumidades em suas áreas, em evidências baseadas em pesquisas acadêmicas sérias, que se valeram de dados fidedignos e que são aprovados pela comunidade científica mundial, logo mudavam o discurso. Suas mentiras e as falsificações dos fatos e eventos, então suas absolutas *verdades*, quando confrontadas, eram defendidas que tais verdades, na ocasião, eram suas opiniões e que, sob o argumento da liberdade de expressão, tinham o direito de proferir e defender suas opiniões, apesar da força da verdade provinda dos fatos. Sobre isso, é como Dias corrobora:

Vivemos, hoje, transformações de modos de se ocultar a realidade através das virtualidades: dos algoritmos que nos afastam de experiências plurais transformando-nos em consumidores/mercadorias; bem como da transformação dos fatos em *fake news* e da produção, por sua vez, de outras *falsas notícias* como se fossem, estas sim, a revelação de uma verdade escondida. As propagandas, aqui, se transformaram por meio dos aplicativos de mensagens (*Telegram* e, em especial no Brasil, *Whatsapp*), das redes socio-virtuais (*Facebook, Instagram*), de programas de áudio por *podcasts* e de vídeos, sobretudo no *Youtube*. A fantasia que muitos deles promovem consegue alcançar uma massa consumidora que não verifica suas informações, sobretudo aquelas que se vendem já em títulos chamativos – conhecidos como *click bait* – e que oferecem uma explicação do mundo diferente daquele visto no cotidiano e na nossa formação básica. A criação de teorias da conspiração sobre quem governa o mundo e sobre os inimigos que precisamos combater consegue estimular a fantasia e imaginação de muita gente, tanto das elites que já possuem privilégios, quanto daqueles que sofrem diariamente e que se veem rechaçados pelo mundo em que vivem. Não importa se as mentiras não são reais, pois, ao criar a semblância de um mundo que não existe, elas prometem resolver todos os problemas, sejam os efetivamente reais, sejam os fictícios. (DIAS, 2021, p.16)

A tentativa de perversão da realidade a partir da mentira, a qual é implementada pelos movimentos totalitários, aparece, de fato, como um dos mais iminentes perigos à preservação do mundo comum. Como já destacamos neste texto, para que tal ambiente seja visto como ele realmente é, necessita de que homens habitem em mundo em que possa haver a diversidade e o espaço público, para que eles falem uns com os outros e uns contra os outros sobre os fatos ocorridos em seu seio. A mentira deliberada, alicerce do totalitarismo, altera o que se diz sobre o mundo e, conseqüentemente, o que será lembrado sobre esse mesmo mundo, trazendo as conseqüências do domínio total, uma experiência, que, felizmente, a humanidade ainda não presenciou.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Odílio Alves. *Veracidade e propaganda em Hannah Arendt*. Cadernos de Ética e Filosofia Política 10, 1/007.[Acessado em 17 de outubro de 2022]
https://www.academia.edu/25842364/Veracidade_e_propaganda_em_Hannah_Arendt
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*; [tradução Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva, 2016 – (Debates; 64 / dirigida por J. Guinsburg)
- ARENDT, Hannah. *Crises da República*. Trad. José Volkmann. São Paulo: Perspectiva,2015
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo, São Paulo: Companhia das Letras,1998.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DIAS, Lucas Barreto. *Totalitarismo e Mundo de Semblâncias a partir de Hannah Arendt*. Cadernos Arendt. V.02 N.03 p.1-17. Jan-Jun 2021.[Acessado em 17 de outubro de 2022]
<https://doi.org/10.26694/ca.v2i3>
- LAFER, Celso. “*A mentira: um capítulo das relações entre ética e política*”, em C. Lafer: Desafios: Ética e Política. São Paulo. Siciliano, 1995.[Acessado em 17 de outubro de 2022]
<https://repositorio.usp.br/item/001062075>
- PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. *Ideologia e Solidão – Atualidade de Hannah Arendt*. Cadernos Arendt. V.02 N.03 p.59-69. Jan-Jun 2021. [Acessado em 18 de outubro de 2022].
<https://doi.org/10.26694/ca.v2i3>
- PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. *A leitura arendtiana da mentira da política*. Revista Poiesis, v.14, n.1, p. 62-72, jan/dez- 2017.[Acessado em 18 de outubro de 2022]
www.periodicos.unimontes.br/poiesis